

Considerações a respeito do caso de K.

Kleber Duarte Barretto

Formado em Psicologia pelo IPUSP. Mestre e doutorando em Psicologia Clínica pela PUC-SP. Professor da UNIP e do Centro de Estudos e Pesquisa em Psicanálise da Universidade São Marcos. Membro do LET – Laboratório de Estudos da Transicionalidade (PUC-SP).

O que mais chama atenção no material que foi apresentado sobre K. é seu medo: separar-se de sua mãe é vivido como uma morte. Se observarmos sua história, notaremos que a morte já lhe era companheira mesmo antes de seu nascimento, pois sua mãe tentou abortá-la. O acidente do atropelamento vem concretizar a fantasia de morte da mãe e da filha. Para a menina, separar-se implica risco de morte, enquanto a mãe parece sentir-se culpada em relação às fantasias de morte dirigidas à filha. Qual a resolução de K. diante desse medo?

O apego à mãe, à sua presença concreta – a mãe sensória – parece ser a maneira que a menina encontrou

para lidar com o medo decorrente de uma falta de confiança na figura materna. Para ela, o ganho de espaço, tanto concreto quanto psíquico, necessário ao seu desenvolvimento, é vivido como algo muito assustador.

O vídeo que foi realizado em uma sala onde havia brinquedos e a presença da mãe e do cinegrafista fornecem elementos interessantes para a compreensão do funcionamento de K. e da dinâmica mãe-filha. Foi possível observar uma evolução no brincar. No início, havia uma inibição e, por um longo tempo, K. brincou de colocar objetos dentro de outros objetos, o que poderíamos compreender como uma busca de um objeto que a acolha.

Na maior parte do jogo, dá-se a relação de um objeto com outro, apontando para uma relação bipessoal.

Podemos observar, na atividade lúdica, algumas capacidades de K.: ela explora bastante o espaço da sala e os objetos ali presentes, é curiosa e esperta. Do ponto de vista motor, é uma menina bem desenvolvida, o que nos levaria a questionar o diagnóstico de deficiência mental e pensar mais em uma problemática psicológica que afetou seu desenvolvimento cognitivo.

Outro elemento significativo no jogo é a eleição da boneca Minnie. Há uma preferência clara por essa boneca. Por ser de pano, ela se adapta ao corpo de K. e esta tem uma atitude de maternagem na relação com Minnie, a atitude que contrasta com a relação que estabeleceu com a boneca de plástico, que tinha aparência de mocinha. A ambivalência prevalece no jogo com esta boneca, que sofre inúmeros ataques. Poderíamos compreender esses ataques como expressão do temor do crescimento, pois K. procura desconstruir,

no decorrer do jogo, a imagem de mocinha despindo a boneca para transformá-la em bebê.

Parece que as fantasias da mãe – de morte e de culpa – e suas angústias interferiram profundamente na relação com a filha. Observamos, tanto na sessão quanto no vídeo, uma menina muito sozinha. A mãe, durante a sessão da menina, solicita atenção para si e, na sala de jogos, pouco interage com K. – é uma presença ausente. Em função dessas questões, o trabalho terapêutico com essa menina teria como objetivo inicial fornecer experiências que a auxiliassem na constituição do que Winnicott chamou de objeto subjetivo, que se aparenta com o que outros autores denominaram narcisismo fundante. Para que isso ocorra, é necessário interagir mais com K., procurando não deixá-la tão só e também compartilhando o jogo que ela propõe. A relação com a Minnie necessita estender-se para a relação transferencial, para que a matriz do estar com o outro e do poder ser possa realmente acontecer.